

Sejamos realistas

Os programas antiinflacionários dos dois candidatos a presidente da República sustentam-se numa preliminar frágil, a de que o ajuste fiscal, rigorosamente, indispensável ao controle da inflação, se dará através da redução da sonegação e não do aumento da carga fiscal líquida. Essa expectativa é onírica. Ao ser formulada por economistas, que, supostamente, conhecem a realidade do País, só poderemos entendê-la como tática de cooptação dos segmentos "A" e "B" do eleitorado, naturalmente, infensos a exigências tributárias.

A sonegação de impostos no País é altíssima, provavelmente das maiores do mundo, em termos relativos. Mas ela se dá, basicamente, na economia informal e não na formal. A economia informal, por sua vez, é consequência do baixo nível de renda do consumidor, que obriga o empresário a reduzir ou eliminar seus custos fiscais para encontrar mercado para seus produtos. Suprime-la, portanto, pressupõe a pré-ocorrência do desenvolvimento, uma fase subsequente à distribuição de renda. É impensável a supressão da economia informal via polícia.

A sonegação na economia formal, quanto expressiva, em valores absolutos não é relevante. Ela é alimentada pela corrupção que destrói a base moral do poder tributário do Estado. Suprime-la pressupõe a eliminação da corrupção, uma luta árdua e prolongada.

A elevação da carga tributária líquida, portanto, a curto prazo, só poderá ser obtida através da supressão de subsídios e incentivos, uma necessidade, mas uma impossibilidade política.

Ainda que o futuro Presidente esteja disposto a enfrentar o poder dos subsidiados e incentivados, uma luta que vai consumir-lhe todo o período de governo, não nos parece que o resultado seja suficiente para produzir um ajuste fiscal na dimensão requerida por uma política antiinflacionária consistente. Será necessário remover o ônus da dívida interna. Em relação a este ponto, os programas dos dois candidatos também não mencionam qualquer plano de ação confiável. Ambos rejeitam, totalmente, a idéia do alongamento compulsório, optando pela solução negociada. Francamente, não vemos como se lograr êxito por esse caminho.

O futuro está muito complicado. Os candidatos prestariam um bom serviço ao País se fossem realistas e afirmassem logo à população que não há milagres previstos. Teremos muitas dificuldades no ano que vem, talvez maiores ainda do que as que temos hoje. A herança que um dos dois receberá não permite otimismo. Disseminar agora a idéia de que tudo se resunie num voto é preparar o caminho para o desencadeamento de demandas e para a crise.